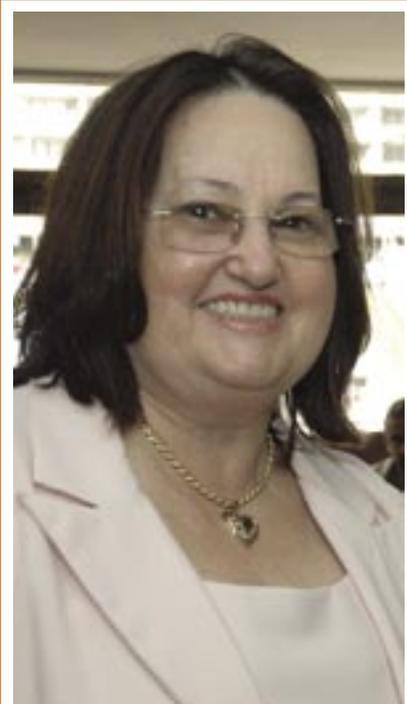


# Diretrizes: as mudanças estão avançadas

Pelo jornalista Aloísio Brandão,  
Editor desta revista

As Diretrizes Curriculares, instituídas pelo Ministério da Educação, em 2002, carregam mudanças profundas e desejadas pelo universo acadêmico. Ainda assim, cinco anos depois de sua criação, algumas instituições de ensino ainda não as fixaram, alegando dificuldades. A Conselheira Federal de Farmácia pelo Espírito Santo e Presidente da Comissão de Ensino (Comensino) do Conselho Federal de Farmácia, Magali Demoner Bermond, tem uma explicação para o descompasso que põe, de um lado, cursos com o processo de implantação consolidado ou em fase de consolidação e, de outro, uma minoria de cursos que ainda não iniciaram a fixação das Diretrizes: “As mudanças têm que ser entendidas pelos cursos, para serem implantadas”.

A Comensino é responsável pela realização da Conferência Nacional de Educação Farmacêutica e do Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia, em todas as suas edições. Farmacêutica-bioquímica, mestra em ciências Farmacêuticas e especialista em Didática do Ensino Superior, Magali Demoner foi professora da Fafabes (Faculdade de Bioquímica do Espírito Santo) e, atualmente, ensina na Emescam (Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória) e na Unesc (Centro Universitário de Colatina).  
**Veja a entrevista.**



Professora Magali Demoner Bermond,  
Conselheira Federal pelo Espírito Santo e  
Presidente da Comissão de Ensino do CFF

**PHARMACIA BRASILEIRA** – Alguns cursos de Farmácia de universidades públicas (as federais) ainda não implantaram as Diretrizes Curriculares e outros as implantaram, parcialmente. A senhora acha que está longe de as instituições acatarem a determinação do MEC e instituírem as Diretrizes, plenamente?

**Magali Demoner Bermond** – Nós ainda temos muito o que caminhar, para que os cursos de Farmácia implantem as Diretrizes Curriculares em sua plenitude. O pressuposto para isso é que os cursos entendam a filosofia, a grandeza, a importância das Diretrizes. Só assim, creio eu, eles irão instituí-las em sua inteireza. Importa dizer que alguns cursos já desenvolveram projetos político-pedagógicos brilhantes os quais atendem plenamente ao que preconizam as Diretrizes.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – O que de mais moderno e humano está contemplado nas Diretrizes?

**Magali Demoner Bermond** – Seguramente, são as posições novas que devem ser adotadas pelas universidades. Elas estão convocadas a desempenhar outro papel junto à sociedade, no sentido de atender às suas necessidades sociais, culturais; de fazer parte de sua vida. Por outro lado, as universidades, também, precisam estar abertas para que a sociedade faça parte dela. Entretanto, para que isso ocorra, são necessárias mudanças na orientação acadêmica, que perde o seu antigo modelo tecnicista e adota um modelo humanístico.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – O Decreto 5773, de maio de 2006, estabelece, em seus artigos 37 e 41, que os Conselhos de profissões regulamentadas devem ser ouvidos no processo de reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos. A senhora pode comentar o Decreto?

**Magali Demoner Bermond** – O Decreto propicia um avanço enorme, pois, graças a ele, os Conselhos poderão emitir pareceres, subsidiando o MEC nos processos de reconhecimento e renovação de reconhecimentos dos cursos.

Assim, enriquecem-se os critérios para o processo. Com os subsídios que os Conselhos irão lhe repassar, o Ministério da Educação terá mais elementos para se basear nas exigências que fará dos cursos. Entendemos que essa norma vai colaborar para a melhoria da qualidade do ensino de Farmácia. Por isso, a Comissão de Ensino vai trabalhar na elaboração de critérios que ela irá adotar junto ao MEC.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – A Comissão de ensino do Conselho Federal de Farmácia está trabalhando na elaboração de uma proposta de Resolução que trata

da inscrição nos Conselhos e do exercício profissional farmacêutico diante da nova formação. O que trará essa Resolução?

**Magali Demoner Bermond** – A Resolução, que queremos que seja amplamente discutida e que receba muitas sugestões dos coordenadores de cursos, prevê, entre outros itens, que o curso de Farmácia tenha, no mínimo, 4.500 horas de integralização (o conjunto de atividades de sala de aula e de campo) e que eles apresentem, no histórico escolar, os conteúdos das competências estabelecidas na Resolução 02/02, que cria as Diretrizes Curriculares.

Hoje, há cursos com até 2.310 horas aprovados pelo MEC e que formarão farmacêuticos que terão os mesmos direitos profissionais de outros que se formaram com mais tempo de integralização. Por outro lado, há cursos com mais de 5.500 horas. É preciso acabar com esta distorção. Um curso com 2.310 horas é algo impensável. Esse tempo é absolutamente insuficiente para formar um farmacêutico com todas as competências e habilidades previstas nas Diretrizes Curriculares.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – A Comensino avaliou o ensino de 112 dos 274 cursos de Farmácia, no Brasil. A que conclusão os senhores chegaram quanto à qualidade do ensino oferecido, no País?

**Magali Demoner Bermond** – Vale ressaltar que só conseguimos avaliar 112 cursos, porque os demais não responderam ao questionário que lhes enviamos. Apuramos, em nossa avaliação, que apenas seis das 46 universidades públicas, entre federais e estaduais, não implantaram as Diretrizes Curriculares.

Fato preocupante foi detectado em cursos de Farmácia que não

têm conteúdos de Farmacotécnica. Outros, não possuem conteúdos de Alimento, nem de Indústria. Vários não têm conteúdos de Farmácias Hospitalar e Homeopática.

Isto se deve à flexibilidade concedida pelas Diretrizes, que foi confundida com a liberdade total das instituições de ensino superior em estabelecer suas matrizes curriculares. Porém o ensino deve permanecer como referência, através dos seus conteúdos para todas as áreas da profissão e em equilíbrio em sua distribuição.

O ensino, hoje, deve ser inovador, aplicar a avaliação de raciocínio e estar estruturado no projeto pedagógico, de acordo com eixos referenciais

*“Os cursos de Farmácia estão convocados a desempenhar outro papel junto à sociedade, no sentido de atender às suas necessidades sociais, culturais; de fazer parte de sua vida”.*

de conteúdos, por área de conhecimentos, que assegure a qualificação do ensino. É claro que um modelo de ensino pode migrar para o caos, se não tiver um planejamento central dos conteúdos em consonância com as Diretrizes Curriculares.

Há um trabalho realizado pela Comensino que faz um estudo amplo sobre os modelos educacionais – seus padrões de conteúdos para as áreas de Medicamentos, Alimentos e Análises Clínicas – e traça parâmetros de qualidade para o ensino farmacêutico.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – Professora, quais são as maiores

dificuldades alegadas pelos cursos de Farmácia para a implantação das Diretrizes?

**Magali Demoner Bermond** – A maior dificuldade é a falta de compreensão, de conhecimento sobre as próprias Diretrizes. Por conta da falta de conhecimento sobre o assunto, persiste a não aceitação das mesmas por parte de muitos professores e alunos.

Muitos alunos vêm do ensino médio com a cabeça preparada para encontrar tudo pronto dentro da sala de aula, sem desenvolver a sua capacidade crítica, de busca. O professor, por sua vez, está acostumado a chegar à escola e dar aulas expositivas, como sempre fez, ao

*“O CFF já tem ajudado muito, realizando as Conferências, que foram o fórum onde se discutiu e onde se criou as Diretrizes, e os Encontros, que continua sendo o espaço para se pensar sobre o assunto”.*

longo dos anos, sem experimentar a interdisciplinaridade.

Ora, quebrar todo este sistema antigo, de um momento para o outro, é difícil. A mudança causa um choque muito grande. Mas nós já percebemos que, a cada Encontro de Coordenadores de Cursos de Farmácia realizado pelo Conselho Federal de Farmácia, há avanços significativos. O choque inicial vai sendo absorvido e a resistência vai dando lugar à aceitação.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – Quais são os primeiros passos que um curso deve dar, com vistas a enfrentar as dificuldades relacio-

nadas à implantação do novo modelo de ensino?

**Magali Demoner Bermond** – Os primeiros passos são as discussões sobre o assunto e devem ser dados pelos principais atores do contexto, que são os coordenadores de cursos, os professores e os alunos. É preciso discutir muito o novo modelo, esgotar o assunto, pois é daí que surgem os caminhos.

Mas é importante salientar que cada curso tem que buscar o seu caminho. Não há uma receita de bolo, uma fórmula pronta para todos os cursos. Cada um deve abrir o seu caminho e trilhar por ele, desde que tenha por meta a qualidade do ensino e os fundamentos previstos pelas Diretrizes.

Acontece que esta situação – a de cada um buscar o seu caminho – já é, por si só, uma novidade, uma revolução, um choque, pois, antes, tudo estava formulado, pronto como um prato feito, e os cursos estavam acomodados àquele modelo. Seja como for, os cursos têm que seguir as Diretrizes.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – O CFF, que foi o articulador das mudanças no ensino, tem como ajudar os coordenadores de curso nessa luta pela implantação do novo ensino?

**Magali Demoner Bermond** – O Conselho Federal de Farmácia já tem ajudado muito, realizando as Conferências Nacionais de Educação Farmacêutica, que foram o fórum onde se discutiu e onde se criou as Diretrizes, e os Encontros Nacionais de Coordenadores de Cursos de Farmácia, que continua sendo o espaço para se pensar sobre o assunto.

O CFF tem possibilitado a criação de espaços para as discussões, tem incentivado o debate, com o objetivo de que se chegue à qua-

lidade do ensino. O CFF quer um farmacêutico melhor preparado, saindo da Universidade com múltiplas habilidades. Mas o Conselho não pode oferecer uma fórmula de implantação das Diretrizes, mesmo porque isso é impossível, vez que cada curso deve seguir a realidade sócio-econômica e cultural de sua região.

Eu posso dizer, com absoluta convicção, que se não fosse o CFF, o ensino de Farmácia, no Brasil, não estaria passando por esta efervescência, por todo este processo positivo de renovação cujo objetivo é um só: a busca da qualidade. Muitos coordenadores de cursos têm nos Encontros Nacionais que o CFF realiza o seu único fórum de discussões, a sua única oportunidade de debater o ensino à luz das Diretrizes, com toda sua complexidade e abrangência. Portanto, estes nossos eventos são imprescindíveis para a evolução do pensamento sobre o ensino de Farmácia.

**PHARMACIA BRASILEIRA** – Cinco anos depois de implantadas, as Diretrizes Curriculares já trouxeram uma mudança concreta ao ensino farmacêutico em nível de graduação?

**Magali Demoner Bermond** – Olha, há muitas instituições de ensino que já formaram e estão formando farmacêuticos dentro deste novo modelo. Contudo, ainda não temos um levantamento que aponte as diferenças entre a qualidade dos seus conhecimentos e de sua prática em relação ao farmacêutico formado no modelo antigo. Mas esperamos que os farmacêuticos egressos dos cursos que já adotaram o novo modelo sejam profissionais melhor preparados para servir à sociedade que, diga-se de passagem, faz-lhes novas e diferentes exigências.